



A INFÂNCIA SOB A NOITE ESCURA: A OCUPAÇÃO NAZISTA E A AMEAÇA AOS JUDEUS SOB UM OLHAR INFANTIL EM *NUMBER THE STARS*, DE LOIS LOWRY

Tatiane da Costa P. Sousa¹

Neste trabalho, discutiremos a relação entre a guerra e sua representação ficcional na literatura infanto-juvenil. Especificamente, teremos como enfoque os históricos esforços da população dinamarquesa a fim de proteger e tirar em segurança de seu país milhares de cidadãos judeus durante a ocupação nazista, tal como retratado no romance infanto-juvenil *Number the stars*, da escritora estadunidense Lois Lowry, publicado em 1989. Interessa-nos verificar como esse tipo de obra representa a experiência das crianças — indivíduos ainda não amadurecidos o bastante para terem uma melhor compreensão da gravidade da situação em que se encontram inseridos, a brutalidade que a todo o tempo ameaça suas vidas — em tal contexto social violento, opressivo e instável. Para o desenvolvimento do tema, ressaltaremos, primeiramente, algumas importantes mudanças verificadas nesse período, conforme destacado por Hobsbawm (1995), e revisaremos questões levantadas em alguns artigos e obras que destacam os efeitos da guerra sobre as crianças, bem como em fontes que discutem a representação do holocausto na literatura infantil, mais precisamente os trabalhos de Lydia Kokkola (2003), Naomi Sokoloff (2006) e Maria Tatar (2008).

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, holocausto, crianças na guerra.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial, ocorrida não apenas no continente europeu, mas sobretudo nele, de 1939 a 1945, foi o maior conflito armado da história humana até hoje. Decorrente da expansão do domínio alemão (nazista) sobre o território europeu, em especial após a invasão da Polônia, em 1º de setembro de 1939, a guerra teve, de um lado, as então denominadas forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e, do outro, os Aliados (constituídos, no início da guerra, por Polônia, França, Reino Unido e alguns estados dependentes, como a Índia britânica, passando a receber progressivamente novos apoios, até terminar, em 1945, contando com combatentes de mais de 50 países e estados dependentes, destacando-se o Reino Unido, a China, a França, a União Soviética e os Estados Unidos). Estimativas do número de mortos durante a Segunda Guerra, levando em conta militares e civis, variam em diferentes fontes, mas são sempre superiores a 50 milhões de pessoas.

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), especialista em Ensino de Inglês e Literaturas Inglesa e Norte-Americana pelo Centro Universitário Claretiano, aluna do Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: tatianecosta.sousa@gmail.com



Comentando essas estimativas, o historiador Eric Hobsbawm (1995, p. 50-51, grifos nossos) escreveu:

[A] Segunda Guerra Mundial foi [...], e demonstravelmente, uma luta de vida ou morte para a maioria dos países envolvidos. O preço da derrota frente ao regime nacional-socialista alemão, como foi demonstrado na Polônia e nas partes ocupadas da URSS, e pelo extermínio dos judeus [...] era a escravização e a morte. Daí a guerra ser travada sem limites. A Segunda Guerra Mundial ampliou a guerra maciça em guerra total.

Suas perdas são literalmente incalculáveis, e mesmo estimativas aproximadas se mostram impossíveis, pois a guerra matou tão prontamente civis quanto pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar, ou se importar. [...] De qualquer modo, que significa exatidão estatística com ordens de grandeza tão astronômicas? *Seria menor o horror do holocausto se os historiadores concluíssem que exterminou não 6 milhões mas 5 ou mesmo 4 milhões?* [...] Que significa para o leitor médio desta página que, de 5,7 milhões de prisioneiros de guerra russos na Alemanha, 3,3 milhões morreram?

Durante esses anos, por um bom tempo, a Alemanha nazista não apenas opôs resistência aos que tentavam enfrentá-la, mas também se impôs sobre esses seus adversários, enquanto ia ocupando diversos países vizinhos, assumindo seu controle. Hobsbawm lembra que, um ano após iniciada a guerra, a Alemanha mostrou que a invasão da Polônia havia sido apenas o começo de seus planos de expansão:

Na primavera de 1940, a Alemanha levou de roldão a Noruega, Dinamarca, Países Baixos, Bélgica e França com ridícula facilidade, ocupando os quatro primeiros países e dividindo a França numa zona diretamente ocupada e administrada pelos alemães vitoriosos, e num Estado satélite francês (seus governantes, oriundos dos vários setores da reação francesa, não queriam mais chamá-la de república), com capital num balneário provinciano, Vichy (ibid., p. 46).

Como destacado, um dos países então invadidos, onde os alemães entraram em 9 de abril de 1940, foi a Dinamarca, uma ocupação que ocorreu sem grande oposição por parte dos dinamarqueses, que não tinham como resistir às tropas de Hitler, de modo que, dali em diante, permaneceriam anos “sob o domínio nazista, do qual só seriam [libertados] em 1945, nos últimos dias da guerra” (SILVEIRA, 1995, p. 69).

Há um fato, no entanto, que chama a atenção de um modo especial, dentre os episódios acontecidos nesses anos de ocupação da Dinamarca, a saber: quando os nazistas decidiram enviar os judeus locais para campos de extermínio fora do país, a população não continuou inerte. Um grande número de dinamarqueses fez o que nenhum outro povo de qualquer outro país ocupado pelos nazistas havia feito ou ainda faria: participou ativamente de uma operação para retirar milhares de judeus de seu país e levá-los para a Suécia, salvando-os da morte.

A Dinamarca foi o único país ocupado que resistiu ativamente à tentativa do regime nazista de deportar seus cidadãos judeus. Em 28 de setembro de 1943, Georg Ferdinand Duckwitz, um diplomata alemão, informou secretamente à resistência



dinamarquesa que os nazistas estavam planejando deportar os judeus locais. Os dinamarqueses responderam rapidamente, organizando uma iniciativa nacional para transportar clandestinamente os judeus para a neutra Suécia. Sabendo dos planos alemães, os judeus começaram a deixar as cidades, tais como Copenhague [sic] — onde vivia a maioria dos quase 8.000 judeus —, de trem, de carro e a pé. Com a ajuda do povo dinamarquês, encontraram lugares para se esconder nas casas, hospitais e igrejas. Durante duas semanas, pescadores ajudaram a transportar com segurança cerca de 7.200 judeus dinamarqueses e 680 não judeus pela pequena faixa de água que separa a Dinamarca da Suécia.

O resgate dinamarquês foi especial porque foi um esforço nacional (OBADIA, 2012, p. 118).

Esses eventos dramáticos, hoje registrados nas páginas da história, aparecem também em algumas obras literárias que buscam representar ficcionalmente a tensão e o horror desse período. Dentre estas, incluem-se obras infanto-juvenis que trazem para leitores mais jovens os temas sensíveis e traumáticos da guerra e do Holocausto, na maioria das vezes assumindo o ponto de vista de crianças ou adolescentes que os teriam testemunhado. Uma dessas narrativas é o romance *Number the stars*, da escritora estadunidense Lois Lowry, publicado em 1989.²

1. A autora e a obra

Nascida em Honolulu, no Havaí, em 20 de março de 1937, Lois Lowry (cujo nome no registro de nascimento é Lois Ann Hammersberg) é uma escritora estadunidense, autora de mais de trinta livros infanto-juvenis, só um pequeno número dos quais já foram traduzidos e publicados no Brasil. Estreou na literatura aos 40 anos e, pela vasta obra que produziu desde então (que combina gêneros diversos, como fantasia, ficção científica, ficção histórica etc., assim visando desenvolver para leitores mais jovens temas delicados e controversos, como racismo, doenças terminais, assassinatos e o Holocausto), Lois Lowry já recebeu vários prêmios, dentre os quais se podem destacar o Prêmio Margaret Edwards, em 2007; duas vezes a Medalha Newbery, em 1990 e 1994; o Prêmio Dorothy Canfield Fisher na categoria Livro Infanto-Juvenil, em 1991, e um doutorado honorário em Letras pela Universidade Brown em reconhecimento por sua valiosa contribuição para a literatura infanto-juvenil.

A maioria dos livros de Lowry continua sem traduções publicadas no Brasil. De fato, exceto por uma tradução de *Number the stars*, aqui intitulada *Um caminho na noite* (editora Xenon, 1990), edição hoje esgotada e só disponível em sebos, os livros da autora encontrados em português brasileiro, em edições publicadas pela editora Arqueiro, são apenas os títulos que integram o chamado “The Giver Quartet” [Quarteto o Doador de Memórias], a saber: *The*

² No presente trabalho, estaremos utilizando uma versão eletrônica (formato ePub), digitalizada a partir dessa versão original, de 1989; a numeração das páginas citadas, todavia, remete à desse formato digital, tal como nele são indicadas.

giver (1993), publicado no Brasil sob o título *O doador de memórias*, em 2014; *Gathering blue* (2000) [*A escolhida*, também 2014], e *Messenger* (2004) [*O mensageiro*, 2016]; o quarto volume, *Son* (2012), está previsto para sair no Brasil, provavelmente com o título *Filho*, em 2017. Estes quatro títulos foram promovidos no país pela adaptação fílmica do primeiro livro, que chegou às telas dos cinemas no mesmo ano de 2014 em que saiu o primeiro deles.

Number the stars, porém, continua hoje não reeditado nem relançado em nova tradução no Brasil. Já no mundo anglófono, ainda se destaca como uma obra premiada e muito bem recebida por leitores e críticos, sendo sempre ressaltados o desenvolvimento da trama e dos personagens e a escolha do tema. A esse respeito, aliás, como bem lembra Lisa Rondinelli Albert, ao escrever sobre a vida e a obra de Lowry, embora a autora tenha o hábito de buscar inspiração para suas histórias em suas próprias experiências, foi o relato de uma amiga sobre o que havia passado na Dinamarca sob ocupação nazista que inspirou a autora a escrever o livro, um trabalho realizado com dedicação e seriedade:

Embora *Number the stars* fosse um relato ficcional de eventos históricos, Lowry garantiu que os detalhes fossem precisos. [...] Todos os esforços de [sua] pesquisa [...] e seu árduo trabalho acabaram compensando quando saíram críticas enaltecendo o romance (ALBERT, 2008, p. 76, tradução nossa).

Inserindo-se, assim, no conjunto de obras ficcionais que retratam em especial a situação das crianças em um contexto de guerra, autoritarismo e de brutais violações dos direitos humanos, o romance será objeto do presente estudo, com foco justamente em como essa representação é construída.

1.1 A trama

Number the stars narra a história de Annemarie Johansen e sua melhor amiga, Ellen Rosen, duas meninas de dez anos de idade que passam boa parte do tempo pensando em como eram suas vidas antes de a guerra começar. O ano é 1943, e as duas vivem na Copenhague então ocupada pelos nazistas, onde, além de enfrentarem a escassez de comida em casa, têm que ir para a escola, sentindo-se, todo o tempo, ameaçadas pela visão de soldados alemães nas ruas, por toda parte. Quando os judeus do país começam a ser “realocados” (isto é, quando começam a ser transportados para campos de extermínio), Ellen, que é judia, vai morar com a família de Annemarie, fingindo ser sua irmã já falecida. E este é só o início de um arriscado esforço que a família de Annemarie e tantas outras têm que fazer então, a fim de evitar que milhares de judeus caíam nas mãos dos nazistas.

O cuidado e a sensibilidade com que Lois Lowry desenvolve a história lhe rendeu não só resenhas elogiosas, mas também lhe garantiu sua primeira Medalha Newbery e o Prêmio Nacional do Livro Judaico na categoria Literatura Infanto-Juvenil, ambos em 1990, e ainda outros prêmios.

2. As crianças, a guerra e o Holocausto

As várias guerras registradas nas páginas da história desde a antiguidade já serviram de cenário para diversas obras literárias, dentre as quais vários relatos ficcionais que se focam em uma das duas grandes guerras mundiais do século XX. No caso destes, com relação ao que é comum encontrar nessas narrativas, um detalhe que chama a atenção é que,

[e]nquanto romances que tratam da Primeira Guerra Mundial examinam a posição de jovens que realizam tarefas de adultos nesses tempos de guerra, muitos romances ambientados na Segunda Guerra Mundial buscam compreender o que acontece com as crianças e com a própria infância na mesma situação.

Um tema recorrente é a aparente impotência da criança em tempos de guerra, sua visível incapacidade, ao menos a princípio, de influenciar as decisões dos adultos e às vezes até mesmo de fazer com que ouçam ou entendam suas opiniões (AGNEW; FOX, 2001, p. 84, tradução nossa).

Críticos mais engajados em uma crítica ética, como é o caso de Lydia Kokkola (2003), têm analisado essa produção literária infanto-juvenil que retrata as guerras e o Holocausto judaico. Em uma obra em que estuda quase cinquenta desses livros, ela se questiona qual seria a melhor abordagem para temas assim, visando a um público leitor tão jovem, e discute como diversos autores têm se esforçado para encontrar uma maneira ideal de tratar desses temas em suas histórias, principalmente levando-se em conta que crianças e adolescentes podem acabar tomando como históricos eventos meramente ficcionais, de uma forma que adultos dificilmente o fariam.

Resenhando o supracitado livro de Lydia Kokkola, por sua vez, Naomi Sokoloff (2006, p. 139) observa:

Kokkola é comprometida com a crítica ética. Ela indaga repetidamente como é que a literatura afeta a forma de pensar e as crenças das crianças no tocante ao Holocausto e ao fascismo. Essa é uma abordagem bem-vinda, que revela o seu melhor, a meu ver, não quando é estreitamente prescritiva, mas sim quando nos estimula a pensar seriamente acerca do profundo impacto que a literatura pode ter nos leitores mais jovens. [...] Ela reflete, por exemplo, sobre a forma como são retratados os agentes da violência. Uma vez que a capacidade de realizar uma leitura resistente e crítica vem geralmente com a maturidade, as crianças são mais propensas do que os adultos a se identificar com os personagens sobre os quais estão lendo. Por esse motivo, [Kokkola considera] problemático que a literatura infantil apresente dilemas morais de alemães não judeus presos na sociedade nazista, porque isso poderia, sem querer, gerar compreensão com relação à ideologia fascista.



Apresentados tais pontos de vista pertinentes com relação à produção literária em foco aqui, cumpre ressaltar que alguns autores preferem abordar os temas referidos acima por meio de histórias que criam uma atmosfera de inocência e fantasia, mesmo ao falar de crianças inseridas em contextos extremamente violentos. Inocência e fantasia essas que as protegem desse sofrimento e as permitem escapar de tal experiência traumática, mantendo-as imunes ao que ocorre à sua volta. Por outro lado, há também textos que

buscam compreender de diferentes maneiras como as crianças lidam com a vida em tempos de guerra ou em zonas de conflitos. As crianças nessas histórias não são protegidas física ou emocionalmente — pelo contrário, elas encaram os perigos reais enquanto, de uma maneira semelhante à dos contos de fadas, atravessam as matas e se deparam com o inimigo. Porém, o seu mundo não é o de nenhum conto de fadas. Em vez de entrar em um contramundo mágico e imaginário onde a criança nunca está sozinha e pode sempre recorrer a uma natureza providencial, os protagonistas nessas histórias habitam um mundo realista, o qual [...] procura compreender [por exemplo] a experiência da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Estamos em um mundo onde nem há um fantasioso “era uma vez” nem a certeza de um “felizes para sempre” (TATAR, 2008, p. 243, tradução nossa).

2.1 *Number the stars*

Number the stars, de Lois Lowry (1989), é uma dessas obras do segundo tipo descrito. De fato, a consciência das crianças, por exemplo, de que estão em um país diferente do que era antes da ocupação nazista é algo claro desde as primeiras páginas, quando Annemarie, Ellen e Kirsti (a irmãzinha de Annemarie) estão voltando de mais um dia na escola, e as duas amigas resolvem apostar uma corrida até a esquina mais próxima.

Annemarie looked up, panting, just as she reached the corner. Her laughter stopped. Her heart seemed to skip a beat.

“Halte!” the soldier ordered in a stern voice.

The German word was as familiar as it was frightening. Annemarie had heard it often enough before, but it had never been directed at her until now. [...] Annemarie stared up. There were two of them. [...] She stared at the rifles first. Then, finally, she looked into the face of the soldier who had ordered her to halt.

“Why are you running?” the harsh voice asked. [...]

“I was racing with my friend,” she answered politely. “We have races at school every Friday, and I want to do well, so I—” Her voice trailed away, the sentence unfinished. Don’t talk so much, she told herself. Just answer them, that’s all (LOWRY, 1989, p. 2-3).³

³ Tradução nossa: “Annemarie ergueu os olhos, ofegante, assim que chegou à esquina. Sua risada cessou. Seu coração parecia ter perdido o compasso.

‘Halte!’ ordenou o soldado, com uma voz ríspida.

A palavra alemã era tão familiar quanto aterrorizante. Annemarie já a havia escutado muito antes, porém nunca havia sido dirigida a ela até agora. [...] Annemarie olhou para cima. Havia dois deles. [...] Ela encarou os rifles primeiro. Então, por fim, voltou-se para o rosto do soldado que havia ordenado que parasse.

‘Por que está correndo?’ perguntou aquela voz áspera. [...]

‘Eu estava correndo com a minha amiga’, respondeu educadamente. ‘A gente tem corridas na escola toda sexta, e eu quero me sair bem, então eu...’ A voz morreu de repente, a frase incompleta. Não fale muito, ela disse a si mesma. Responda o que foi perguntado, e só.”



O episódio deixa claro que as meninas sabem muito bem que os nazistas representam uma ameaça, que eles podem lhes fazer algum mal. Estão cientes de que devem fazer de tudo para passarem por eles despercebidas e de que, quando isso não for possível, devem falar o mínimo, só o necessário para que as deixem ir em paz. As meninas têm, portanto, consciência da realidade que estão vivendo, não são indiferentes a ela. Isso é retratado na obra de forma muito realista, expondo a fragilidade das pessoas sob o domínio dos alemães e descrevendo as duras dificuldades que tinham que enfrentar, como, por exemplo, a escassez de alimentos. É um mundo bem diferente do dos contos de fada e mesmo daquele em que elas costumavam viver, antes da ocupação, e as meninas, como personagens, são desenvolvidas sem os sinais da inocência de quem ignora tudo isso, como fica claro, por exemplo, quando Annemarie pensa no rei de seu país:

All Danish children grew up familiar with fairy tales. Hans Christian Andersen, the most famous of the tale tellers, had been Danish himself.

[...]

Annemarie's thoughts turned to the real king, Christian X, and the real palace, Amalienborg, where he lived, in the center of Copenhagen.

How the people of Denmark loved King Christian! He was not like fairy tale kings, who seemed to stand on balconies giving orders to subjects, or who sat on golden thrones demanding to be entertained and looking for suitable husbands for their daughters. King Christian was a real human being, a man with a serious, kind face (LOWRY, 1989, p. 11-12).⁴

Mesmo assim, é preciso destacar que Lois Lowry desenvolve a narrativa de maneira que a percepção que elas têm do que se passa ao seu redor vai se dando aos poucos. Annemarie vai gradualmente compreendendo a real dimensão da ameaça que os nazistas representam, em especial para os judeus; primeiro, ao tomar conhecimento das arbitrariedades dos alemães, como o fechamento da loja da Sra. Hirsch. Como ela descobre mais tarde, através de Peter (ex-noivo de Lise, sua irmã mais velha, morta atropelada, fazia alguns anos), aquela e outras lojas só haviam sido fechadas porque os donos eram judeus. É nesse momento que Annemarie se dá conta de que os Rosen, a família de Ellen, sua melhor amiga, também são judeus, e é quando teme pela primeira vez o que poderia acontecer a eles por causa disso, embora a ideia da morte, propriamente dita, ainda não passe pela sua cabeça.

⁴ Tradução nossa: "Todas as crianças da Dinamarca cresciam familiarizadas com contos de fadas. O próprio Hans Christian Andersen, o mais famoso contador de histórias assim, era dinamarquês.

[...]

Os pensamentos de Annemarie se voltaram para o rei de verdade, Christian X, e para o palácio verdadeiro, Amalienborg, onde ele morava, no centro de Copenhague.

As pessoas na Dinamarca amavam tanto o Rei Christian! Ele não era como nenhum desses reis de contos de fadas, que pareciam estar sempre de pé nas sacadas, dando ordens às pessoas, ou que sentavam em tronos dourados, ora exigindo ser entretidos, ora procurando os maridos certos para suas filhas. O Rei Christian era um ser humano de verdade, um homem de rosto sério e amável."



Mas a morte logo se tornará um temor inevitável. Este surge na cena em que soldados nazistas vêm à casa dos Johansen, a família de Annemarie, onde Ellen está passando a noite, confirmar se seriam mesmo amigos dos Rosen (que os alemães agora já sabem ser judeus e estão à sua procura). É quando os Johansen se veem obrigados a fingir, de última hora, que Ellen é Lise, a filha morta. Nesse instante, Annemarie compreende que algo terrível poderia acontecer com Ellen, se aqueles soldados a levassem consigo. Sua consciência de que ela e sua família precisam ajudar os Rosen vai então amadurecendo, ainda que a menina não seja plenamente capaz de calcular todas as consequências possíveis disso.

Lois Lowry constrói habilmente a narrativa, de forma que as ações tomadas para que os judeus sejam retirados em segurança da Dinamarca e o que está de fato acontecendo sejam mistérios que Annemarie precisa decifrar. As omissões e descrições dos adultos, as frases que parecem não fazer muito sentido em dada situação (como “So, Henrik, is the weather good for fishing?”⁵ [LOWRY, 1989, p. 53]), tudo vai compondo um quebra-cabeça que a menina vai montando juntamente com o leitor, a fim de entender o que ocorre.

Também é interessante notar a clara relação entre bravura e ignorância: a ideia de que é bem mais fácil ser corajoso quando pouco se conhecem os riscos reais que se está correndo. É um detalhe que atribui verossimilhança às atitudes das pessoas, faz com que pareça mais real o que elas fazem. É o que Henrik, pescador, tio de Annemarie, irmão mais novo de sua mãe, explica à menina a certa altura:

“I think you are like your mama, and like your papa, and like me. Frightened, but determined, and if the time came to be brave, I am quite sure you would be very, very brave. But,” he added, “it is much *easier* to be brave if you do not know everything. And so your mama does not know everything. Neither do I. We know only what we need to know. Do you understand what I am saying?” he asked, looking into her eyes.

Annemarie frowned. She wasn't sure. What did bravery mean? She had been very frightened the day [...] when the soldier had stopped her on the street and asked questions in his rough voice. And she had not known everything then. She had not known that the Germans were going to take away the Jews. And so, when the soldier asked, looking at Ellen that day, “What is your friend's name?” she had been able to answer him, even though she was frightened. If she had known everything, it would not have been so easy to be brave (ibid, p. 76-77).⁶

⁵ Tradução nossa: “E aí, Henrik, o tempo está bom pra ir pescar?”.

⁶ “Acho que você é como sua mãe e seu pai, e também como eu. Assustada, mas determinada, e se chegasse a hora de ser corajosa, tenho certeza de que seria muito, muito corajosa. Porém’, acrescentou, ‘é muito *mais fácil* ser corajoso quando não se sabe de tudo. Por isso a sua mãe não sabe de tudo. Eu também não. Só sabemos o que precisamos saber. Entende o que estou falando?’ ele perguntou, olhando nos olhos dela.

Annemarie franziu a testa. Ela não tinha certeza. O que é que queria dizer coragem? Ela havia ficado com muito medo naquele dia [...], quando o soldado a parou na rua e fez perguntas com aquela voz áspera. E ela não sabia de nada naquela época. Não fazia ideia de que os alemães levariam embora os judeus. Então, quando o soldado perguntou, olhando para Ellen naquele dia, ‘Como se chama a sua amiga?’, ela havia conseguido lhe responder, mesmo estando apavorada. Se ela já soubesse de tudo, não teria sido tão fácil ser corajosa.”

Convém destacar ainda que uma outra passagem bastante significativa do romance é justamente aquela em que se faz referência ao título.

Na véspera da tentativa de atravessar o mar de barco, levando alguns judeus rumo à Suécia, incluindo Ellen e seus pais, que haviam então se reencontrado com a filha (trazidos à casa de Henrik pelo jovem Peter), os que participariam da operação se reuniram na casa do pescador, fingindo participar do velório de uma tia-avó que teria morrido vítima de tifo (uma história inventada de última hora, para que os soldados que lá apareceram de repente, com medo de se contaminarem, não abrissem o caixão, no qual, em vez de um corpo, só havia cobertores para os que fariam a travessia). No silêncio daquela casa escura, no meio da noite, o jovem Peter decide então ler um salmo bíblico (um texto comum à tradição tanto dos judeus quanto dos cristãos ali presentes). Escolhe o Salmo 147, cujo versículo quatro (na versão da New English Bible, utilizada pela autora no texto do romance), ao referir-se ao Deus de Israel, diz: “he who numbers the stars” [ele que determina o número das estrelas].

Em toda a narrativa, essa é a única alusão ao título, que nunca é explicado. Annemarie, ao ouvir essas palavras do salmo, pensa no céu lá fora da casa, lá em cima, um imenso manto negro repleto de pontos brilhantes naquela noite escura, e se pergunta como Deus poderia saber o número de estrelas que ali havia, conhecer cada uma delas. A menina se lembra do medo que a mãe de Ellen tinha do mar, dizendo que ele era tão grande e tão frio; então, pensa que o céu também era assim. E chega a mais uma conclusão: “The whole *world* was: too cold, too big. And too cruel” (LOWRY, 1989, p. 87, grifo da autora).⁷

Ainda sobre o título, é interessante notar que já no final do romance, depois que Peter é condenado e fuzilado pelos nazistas, é informado que estes se recusam a devolver seu corpo para familiares ou conhecidos. Ele e outros executados foram enterrados sem identificação nenhuma no próprio local em que haviam sido mortos, tendo sido as covas apenas marcadas “with numbers” [com números] (ibid., p. 129). Esse pequeno detalhe, somado ao fato de que os nazistas marcavam os judeus com estrelas amarelas, e que os próprios judeus tinham como símbolo de sua fé uma estrela (a de Davi, que Ellen, aliás, usava presa a uma corrente em seu pescoço), parece associar as *estrelas* cujo número exato só Deus saberia às próprias vítimas da guerra e, mais especificamente, do Holocausto.

Number the stars também lida com a própria ideia de como a inocência é destruída por uma realidade cruel e dura. Essa realidade rouba da criança a possibilidade da fantasia, das aventuras inocentes dos contos de fadas. Daí, a alusão irônica à história de *Chapeuzinho*

⁷ Tradução nossa: “O mundo inteiro era: frio demais, grande demais. E cruel demais”.



vermelho. Irônica porque, quando a mãe de Annemarie se machuca, sem poder levar ao barco do irmão um pacote importante, sem o qual toda a missão de resgate estaria provavelmente condenada, pede à menina que vá até eles, fingindo ser “nothing more than a little girl. A silly, empty-headed little girl, taking lunch to a fisherman” (LOWRY, 1989, p. 105).⁸ É claro o paralelo entre a jornada da menina do conto de fadas, levando sua cesta de doces para sua avozinha, passando pela trilha do bosque que lhe havia sido proibida, e a de Annemarie, mesmo que, neste caso, a trilha não fosse proibida (já que a menina havia sido enviada por ela pela própria mãe). A verdade é que também não era um caminho sem perigos. E pior: agora eram perigos reais, dos quais a garota já estava bem ciente. Nessa representação do conto de fadas na vida de Annemarie, aliás, até mesmo a figura do Lobo Mau se concretiza na dos soldados que, com cães farejadores, abordam a menina no caminho, antes de ela alcançar seu destino: o barco do tio, onde estão escondidos os judeus que serão levados à Suécia, incluindo sua amiga e os pais dela.

Mas o final dessa nova versão de *Chapeuzinho vermelho* não traz nada fantástico e feliz, como o retorno à vida de todas as avós devoradas pelo lobo. Até porque, como a menina já havia compreendido bem cedo, sua realidade era outra agora, na qual essas velhas histórias já não enchiam mais o coração de esperança e de crença na possibilidade do fantástico. “The whole world had changed. Only the fairy tales remained the same” (ibid., p. 17).⁹

Considerações finais

Number the stars não tem exatamente um desfecho dramático e traumático. No entanto, também não se pode dizer que seja um final feliz, típico dos contos de fadas ou de tantas histórias escritas para crianças. É um livro sobre intolerância, racismo, violência, morte e dor, muita dor (embora, também, sobre solidariedade e altruísmo). Mesmo estando voltado para um público tão jovem, a verdade é que não poderia terminar com todas as feridas sendo cicatrizadas e todos os dramas se resolvendo milagrosamente. Portanto, não surpreende que haja apenas um momento para que algumas questões sejam esclarecidas (quando Annemarie descobre que Peter pertencia à Resistência contra os nazistas e que o atropelamento de Lise, anos antes, havia sido criminoso, pelo fato de ela também ter atuado contra os alemães, ao lado do noivo); porém, no fim, só resta a certeza da impossibilidade de retorno daqueles que a

⁸ Tradução nossa: “nada mais que uma garotinha. Uma garotinha boba e sem nada na cabeça, levando almoço para um pescador”.

⁹ Tradução nossa: “O mundo inteiro havia mudado. Só os contos de fadas continuavam os mesmos”.

morte levou, enquanto o retorno dos que ainda estão vivos, como a volta de Ellen e sua família, embora seja ainda uma esperança, permanece como uma incerteza.

Desse modo, Lois Lowry consegue, com essa obra, sem apelar para uma linguagem que não seja cuidadosamente escrita para os leitores jovens a que visa, compor uma narrativa que destoa completamente de tantas outras que optam por preservar a inocência infantil diante dos eventos desses tempos sombrios. Para a autora, não há espaço para a fantasia ingênua quando as pessoas vivenciam momentos trágicos como esses, que foram parar nas páginas da história, tal como, na obra, é a experiência de Annemarie, Ellen, Lise, Peter etc. Não cabe mais essa fantasia porque, nessas circunstâncias, a infância é interrompida, as crianças já não podem se refugiar em mundos imaginários, já não podem mais esperar a hora certa de amadurecer.

REFERÊNCIAS

AGNEW, Kate; FOX, Geoff. **Children at war: from the First World War to the Gulf.** Londres; Nova York: Continuum, 2001.

ALBERT, Lisa Rondinelli. **Lois Lowry: the giver of stories and memories.** Berkeley Heights: Enslow Publishers, Inc., 2008.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOKKOLA, Lydia. **Representing the Holocaust in children's literature.** Nova York; Londres: Routledge, 2003.

LOWRY, Lois. **Number the stars.** [Formato eletrônico: ePub.] Boston; Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 1989.

OBADIA, Samanta. **Mengele me condenou a viver: a vivência e as sequelas de Aleksander Henryk Laks após o Holocausto.** 2. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

SILVEIRA, Joel. **II Guerra: momentos críticos.** Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

SOKOLOFF, Naomi B. Representing the Holocaust in children's literature: review. **The lion and the unicorn**, Baltimore, v. 30, n. 1, p. 139-143, jan. 2006.

TATAR, Maria. Appointed journeys: growing up with war stories. In: GOODENOUGH, Elizabeth; IMMEL, Andrea (Ed.). **Under fire: childhood in the shadow of war.** Detroit: Wayne State University Press, 2008, p. 237-250.